



O CONCEITO DE MÁ-FÉ EM SARTRE.

Fernando Alves Silva Neto (PIC-UEM), Wagner Dalla Costa Félix
(Orientador), e-mail: wdcfelix@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Filosofia, Maringá, PR.

Ciências Humanas; Filosofia, Metafísica e Ética.

Palavras-chave: consciência intencional, existencialismo, literatura.

Resumo:

Com o presente projeto pretende-se realizar uma análise do conceito de má-fé na filosofia existencial de Jean-Paul Sartre, mais especificamente na obra *O Ser e o Nada* (1943). E também realizar um paralelo dos problemas éticos causados pelo conceito nas situações representadas nos dramas sartreanos. Desse modo, o projeto possui como objetivo geral, realizar uma análise do conceito de má-fé e seus problemas morais e éticos derivados da sua existência. Porém, focando a atenção em dois objetivos específicos: compreender como a má-fé afeta o senso ético das personagens no contexto de cada peça; entender qual a importância do conceito para o sujeito livre em relação à responsabilidade, e a busca por uma essência.

Introdução

A motivação de considerar uma análise do conceito de má-fé encontra-se justificada na importância que o filósofo reserva em sua obra, uma vez que só inicia um estudo ontológico da consciência, depois de refletir sobre os problemas trazidos à tona pela má-fé. Para tanto, nesta análise não se pretende limitar apenas o exame do conceito no *O Ser e o Nada*, mas também relacioná-lo com as condutas de personagens literárias de Sartre presente em peça de teatro. Assim, primeiramente procurar-se-á neste texto apresentar o conceito e suas implicações na filosofia de Sartre, para depois apresentar a peça teatral e qual será a abordagem realizada. Como proposto na obra *O Ser e o Nada* o filósofo procura definir a má-fé a partir da diferença com a mentira.



A mentira é caracterizada pelo autor como uma verdade que um indivíduo esconde do outro, ou seja, na mentira um sujeito cria uma história falsa que possui como objetivo ocultar um determinado fato do outro, empurrando o próximo para um engano propositado. Conforme Sartre, “não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde um erro do qual se é vítima; não se mente quando está equivocado”¹. Algo é determinado como mentira quando o sujeito conhece a verdade sobre o que está omitindo do outro. Dessa forma, a mentira se identifica como a relação na qual um primeiro sujeito, o mentiroso, fornece para um segundo sujeito um dado falso, e o segundo devolve a efetivação da mentira a partir da sua assimilação do dado falso.

“Na má-fé eu mesmo escondendo a verdade de mim mesmo”², a dualidade entre enganado e enganador que marca a mentira é extinta, existindo apenas uma consciência que máscara de si mesma uma “verdade”. A má-fé para Sartre é caracterizada como uma conduta de fuga, uma válvula de escape que o indivíduo utiliza para fugir da sua angústia, isto é, o sentimento de horror que aparece quando o sujeito toma consciência de sua liberdade. Portanto, o filósofo procura ser metódico ao definir a má-fé em contraponto com a mentira, uma vez que essa diferença implica de forma direta nas ações morais dos indivíduos, que talvez será possível vivenciar nas peças teatrais.

Materiais e Métodos

Primeiramente foi realizada a leitura hermenêutica da obra principal do filósofo, *O Ser e Nada*, com o intuito de análise e compreensão da filosofia de Sartre, para que em seguida seja possível realizar a leitura dos dramas: *O Diabo e o Bom Deus*, *A Prostituta Respeitosa*, *Mortos sem Sepultura*, *Entre Quatro Paredes* e *As moscas*. Para assim estabelecer uma relação entre o conceito de má-fé e as situações vivenciadas na peça pelas personagens. E finalmente utilizar a bibliografia secundária para seguir uma corrente interpretação da filosofia de Sartre, e levantar quais são as discussões abordadas por cada linha de interpretação a respeito da relação entre filosofia e literatura. Para isso, foram utilizados os comentadores nacionais: Franklin Leopoldo e Silva, Thana Mara de Souza e Luis Damon

¹ Sartre, *Ser e o Nada*, 2001, p 93.

² Idem, p 90.





Santos Moutinho; como comentadores de língua estrangeira: Françõis Noudelmann e Gilles Philipe.

Resultados e Discussão

Dentro do encontro entre filosofia e a literatura sartreana, há a discussão de como realizar a leitura de ambas as obras. Uma das formas mais discutida entre os comentadores é a partir do conceito de *vizinhança comunicante*. Conforme Silva (2004), este conceito, consiste que dentro de um trabalho analítico de filosofia e literatura em Sartre, deve-se primeiro ter em mente que essas duas artes são difusas, ou seja, não podemos conceber qualquer peça teatral do filósofo como um ensaio filosófico, mesmo que dentro do drama estejam expostos dilemas levantados por sua filosofia, o que devemos possuir como princípio é que a filosofia aparecerá dentro da literatura como um plano de fundo, o qual não interfere dentro do campo artístico da literatura.

Deste modo, o que ocorre em Sartre são que: os termos literatura e filosofia sempre são separadas de direito, e sempre serão inesperados de fato. Pois provavelmente no seu plano filosófico há uma metafísica, e está “é uma metafísica que não pode ser pensada fora da história, que não pode ser sem as concretudes das vivências”³. Como resultado, obtivemos que o pensamento filosófico sartreano é um fruto propício de uma época que presenciou a auge da Guerra e especialmente durante a experiência dessa brutalidade incondicional “fomos obrigados a repensar a relação entre essência e o fato, entre filosofia e política, entre filosofia e literatura, entre filosofia e nos mesmos: o homem é aquilo que faz na sua contingente situação presente”⁴.

Conclusões

Por conseguinte, possuindo como objetivo geral o que é o conceito de má-fé, e como é explorado por Sartre no plano filosófico e literário. No plano filosófico, a má-fé é conceituada a partir sua separação da mentira: mentira é caracterizada pelo autor como uma verdade que um indivíduo esconde do outro, ou seja, na mentira um sujeito cria uma história falsa que possui como objetivo ocultar um determinado fato do outro, empurrando o próximo para

³ Silva, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. 2004, p 33.

⁴ PADRO JR., B. *Sartre e o destino histórico do ensaio*, p 15.





um engano propositado; já na má-fé “eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo”⁵, a dualidade entre enganado e enganador que marca a mentira é extinta, existindo apenas uma consciência que máscara de si mesma uma “verdade”. Foram realizadas as leituras de todas as obras teatrais do autor, porém, a evolução dos resultados do projeto não alcançaram níveis satisfatórios, visto que a proposta inicial necessitou de mudanças ao longo do período de realização, uma vez que o tempo de doze meses não foi o suficiente para alcançar respostas satisfatórias aos objetivos propostos no início do projeto. Entretanto, é possível apontar que no decorrer da trama de cada peça teatral as personagens enfrentam a má-fé como uma decorrência natural dos seus atos, ou melhor, como uma forma do sujeito negar sua liberdade com objetivo de mascarar a si mesmo, todo o peso dos seus atos que surgiram ao longo do drama

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho; e de modo especial, a meus professores Wagner Félix e João Hentges e ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá.

Referências

PADRO JR., B. Sartre e o destino histórico do ensaio. In: SARTRE, J.P. **Situações I: crítica literária**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão, Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, F. L. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: Unesp, 2004.

⁵ Sartre, O ser e o Nada, p 90.

